



No coração da Cidade Livre

Carlos Moura/CB/Reprodução



PROFESSOR MOACYR MUNIZ, QUANDO CRIANÇA, E A MÃE, DONA ANA (E), EM SUA CASA DE MADEIRA: DIGNIDADE E ORGULHO DO SER PIONEIRO

CONCEIÇÃO FREITAS

DA EQUIPE DO CORREIO

Há meio século, Brasília nascia das mãos de trabalhadores que lutaram para morar no Núcleo Bandeirante. Hoje, pioneiros celebram aniversário com um bolo de 50m e muitas histórias

Livre de impostos, livre pra quem quisesse chegar. Para aventureiros, retirantes, esperançosos, deserdados, sem destino. Levas de homens rudes desciam dos paus-de-arara e enfiavam as botinas no lençol de lama daquela dezembro de muita chuva. Era 1956, o ano em que Brasília começou. Hoje, 19 de dezembro, a Cidade Livre comemora 50 anos. Com outro nome, Núcleo Bandeirante. Com 36 mil habitantes e um bolo de 50 metros de comprimento.

A Cidade Livre foi o primeiro ato de desobediência civil dos brasilienses. Pelo desejo de Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, era para ser uma cidade temporária. Mas os candangos resistiram, fizeram passeata, foram ao Congresso e a cidade virou lei. A de número 4.020, aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente João Goulart.

Nada mais restou da imensidão de barracos de madeira, grudados uns aos outros, pintados de cores fortes e cobertos com telha de zinco. Somente uma construção aos pedaços, o Toy Clube, na Avenida Central, con-

tinua de pé. Esburacado, abandonado, corroído pelos cupins, mas ainda de pé. “E ele não é bem do tempo da Cidade Livre, mas é o que de mais velho restou”, conta o professor Moacyr Muniz dos Santos, 55 anos, brasiliense desde os 5 anos, filho de uma das primeiras enfermeiras da Cidade Livre, dona Ana.

Os olhos do menino Moacyr guardaram histórias que só menino sabe guardar. De quando alguém gritava: “Ó o incêndio!” e um enxame de moleques saía correndo para ver a imensa fogueira de barracos. Queimava um, queimavam muitos. Dizia-se que muitos deles eram provocados por aqueles que não desejavam a fixação da cidade. Certo

é que os candangos desenvolviam uma técnica própria para apagar incêndios. Usavam trator em vez de água.

Houve um dia que os policiais da Guarda Especial de Brasília, a temida GEB, prenderam dois homens que tentavam furtar objetos das casas em chamas. Os dois homens foram amarrados um ao outro, de costas um para o outro, pelo cinto das calças. Os suspeitos contorciam-se para que as calças não caíssem e os ceroulões aparecessem. E a criançada vibrava com o espetáculo, Moacyr no meio deles.

Era um território livre, porém só até a Placa da Mercedes. Dali em diante, abria-se a fronteira do sexo. A zêbeeme, a Zona do Baixo

Meretrício, desdobrava-se numa longa extensão de barracos donde saíam mulheres de vestidos floridos até os joelhos, de cintura fina, unhas longas e vermelhas, batons de cor igualmente vermelha. “Me lembro da Maria das Jóias e da Maria Bonita”, conta a professora Elenice Rodrigues dos Reis, 48 anos, brasiliense desde os 8 anos. Maria das Jóias, claro, vivia envolta em cordões, brincos, anéis e pulseiras de ouro — ou de alguma coisa parecida.

“Não vai pra lá que só tem mulher de batom vermelho, mulher que não presta, mulher perigosa.” Era o mantra que Siwa Ne-grão, então uma menina de 9 anos, ouvia da mãe, Nina Teixeira, primeira professora da Cidade

Livre. “Tinha medo daquelas mulheres de batom vermelho. Tanto é que uso esmalte clarinho. Tomei pavor por causa disso. Pensava que aquelas mulheres iam pegar a gente e levar pra casa delas”, diz Siwa, hoje uma dona-de-casa de 58 anos.

As mulheres da rua, biscates, putas, prostitutas, mulheres de ponta de rua ficavam ilhadas no final da hoje Avenida Central. Mas a presença delas pairava sobre o ar da Cidade Livre — livre até por isso. Tanto que Moacyr, Elenice e Siwa cantam, sem errar um verso, sem hesitar um segundo, a música que ecoava dos alto-falantes naquele início de construção: “Partiste/foste cumprir o teu destino/desfazes

o nosso amor/por cabarés e cassinos./Perdida estás para sempre./Mas a culpa foi sua./Deixastes de ser mãe/Para ser mulher da rua”.

Todo pioneiro guarda no coração uma lembrança de Juscelino Kubitschek. A de Moacyr é a dele descendo do jipe, de botina de três frisos, calça cáqui folgada, casaco e chapéu. “E aí...Brasília vai ou não vai?”, perguntava JK para a imediata confusão de candangos que dele se aproximava.

A Cidade Livre dos primeiros anos tinha um bolo místico. Assado em lata de sardinha Coqueiro, matava a fome implacável dos operários. Por isso, eles gostam de contar da carta que um candango mandou para a mulher no Nordeste: “Mulé, não mando mais dinheiro porque não está dando nem pra Marta Rocha”. Miss Brasil que não levou o Miss Universo de 1958 por conta de duas polegadas a mais nos quadris. Marta Rocha, sem o saber, foi homenageada pelos candangos: era o nome que eles deram ao bolo em lata de sardinha. (Como de resto, muitos outros bolos ganharam esse nome Brasil adentro).

E é com um bolo de 50 metros que os brasilienses comemoram os 50 anos da mística Cidade Livre.